

5 Considerações finais

Na introdução de *Ser e tempo*, quando a elucidação da estrutura da questão do ser faz-se necessária, e cujo esclarecimento prévio desemboca na escolha do ente mais adequado para o decorrer de sua investigação, Heidegger diz que um questionamento pode desenvolver-se como um simples questionário ou como o desenvolvimento explícito de uma questão¹. Em certo sentido e dentro de certos limites, esta tese foi orientada e ainda pode ser vista como a resposta a um "simples questionário". Quais são as duas maneiras de se entender a atitude teórica no escopo de *Ser e tempo* e como elas se relacionam com modos distintos de entender o posicionamento de Heidegger sobre a proposta cartesiana? A busca pela resposta a essa pergunta foi, de certa maneira, o fio condutor das considerações feitas ao longo do trabalho.

Mas o objetivo da tese não foi simplesmente descrever dois modos de interpretar a atitude teórica em *Ser e tempo* e associá-los com uma específica leitura de Descartes, por mais que essa estrutura percorra o trabalho como um todo. Paraphrasing Heidegger, pretendi que houvesse aqui o desenvolvimento explícito de uma questão. O que se almejou, no fim das contas, foi estudar e adentrar nos detalhes e implicações desse modo de ser chamado aqui de atitude teórica. Na primeira parte da tese foi exposta uma possibilidade e sua insuficiência. Na segunda, tentei ir além da elucidação feita na primeira, procurando sempre evitar uma supervalorização da lida prático-cotidiana que, ao meu ver, dificulta o avanço da investigação sobre a atitude teórica. Isto tendo em vista o seguinte preceito: é preciso, acima de tudo, explicitar as bases desse modo de ser, da atitude teórica, confiando que uma elucidação de suas estruturas contribuiria sobremaneira para clarear as estruturas de meu problema inicial: distinguir a ontologia fundamental da ontologia tradicional.

Somente no decorrer da investigação ficou claro para mim que essa distinção seria melhor realizada caso estivessem em jogo duas formas ou maneiras de proceder na investigação e não dois sistemas filosóficos estabelecidos por pessoas distintas, no caso, Heidegger e Descartes. Assim, a distinção entre ontologia fundamental e ontologia tradicional transformou-se numa distinção

¹ HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*, p. 40, [5].

entre a primeira forma de definir a atitude teórica, orientada pela necessidade de justificar a demolição da proposta cartesiana, e a segunda forma de defini-la, orientada pela necessidade de uma "destruição" dessa proposta.

O que o percurso da investigação como um todo mostrou é que a ontologia fundamental proposta por Heidegger é melhor incorporada caso ocorra através de uma analítica do «ente que eu sou», não como algo dado (o homem, sujeito, animal racional) sobre o qual a investigação se direciona, mas tendo em vista que este ente é o próprio investigar. E para manter isso em vista é necessária uma "destruição" do que já foi conquistado. Não exatamente por Descartes ou por Heidegger, mas por cada investigação que se põe na tarefa de discutir e pensar assuntos que, direta ou indiretamente, dizem respeito ao «ente que eu sou». É somente neste sentido que uma caracterização meramente negativa da tradição filosófica pode ser ultrapassada. Pois investigar, em sentido fundamental, significa sobretudo expor os fundamentos do próprio ato de "pôr-se a caminho de" uma elucidação. Quer essa elucidação esteja voltada para um modo de ser específico do «ente que eu sou», como a atitude teórica, quer para um sistema filosófico como o de Descartes, só terá o caráter de uma ontologia fundamental tal como pretendida por Heidegger, caso explicitar os fundamentos sobre os quais se ergue. Toda e qualquer investigação que se esqueça dessa tarefa será uma ontologia tradicional, em sentido estrito. Até que se coloque outra vez a tarefa de explicitar aquilo que promoveu seu percurso de realização: no fim, explicitar as bases de sua existência, de seu próprio ser.

Nesse sentido, é muito perspicaz a colocação de Reiner Schürmman a respeito das origens de *Ser e tempo*. Para ele, não basta explicitar a influência da filosofia grega, capitaneada por Aristóteles. Tampouco a influência da tradição fenomenológica, elevada à máxima potência por Husserl. Todo esforço para explicar e retratar o caminho que levou Heidegger às suas conclusões em *Ser e tempo*, provisórias ou não, é insuficiente se a verdadeira origem dessa obra não for levada em conta: “O começo de *Ser e tempo* repousa não na filosofia antiga, tampouco na moderna, mas em nós”². Sendo a proposta desta obra realizar uma ontologia fundamental, cujo cerne passa por uma exposição daquilo que me constitui essencialmente, meu ser, ela só pode começar quanto me coloco no

² SCHÜRMMAN, R. “Heidegger’s Being and time”, p. 59.

empenho de expor-me, de tal modo que meu fundamento transpareça nessa exposição.

Heidegger afirma, em nota preliminar à 7ª edição, de 1953, que embora o projeto inicial de *Ser e tempo* não tenha sido levado a cabo, a obra permanece como tarefa, que seu caminho ainda faz-se necessário. Mesmo que seu objetivo primordial, recolocar a questão do sentido de ser, “adormecida” ao longo tradição, não tenha sido bem sucedido, o percurso traçado indica, de diversas formas, a sua questão motivadora. E isso não é um privilégio dessa obra, mas de todas aquelas que representam o empenho daquele que se colocou a tarefa de interpretar a si mesmo, de expor-se como tal. Também *Meditações Metafísicas* de Descartes permanecem como tarefa; as *Investigações Lógicas* de Husserl; a *Metafísica* de Aristóteles; são ainda caminhos a serem percorridos. Isso no momento mesmo em que estas obras revelam que aquilo que eu sou está determinado, no fundo, por um “ter que ser” [*Zu-sein*]. Elas mostram-se como caminho "... sempre que a questão do ser tiver que mobilizar a nossa presença"³: sempre que me encontro imerso na tarefa de explicitar minha própria constituição.

³ HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*, p. 33.